




O (SER)TÃO DE SANTALUZ: leituras geo-literárias a partir do romance as aparições de Dr. Salu e outras histórias, de Guido Guerra

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA GORDIANO¹ , ELY
MAKEISE ARAÚJO DOS SANTOS MARTINS² ,
ADRIANO EYSEN REGO³ 

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão crítica acerca de possíveis diálogos geo-literários a partir do romance *As aparições de Dr. Salu e Outras histórias* (1981), de Guido Guerra. Trata-se de um trabalho transdisciplinar que visa potencializar o ensino/aprendizagem da Geografia em Santaluz – município que faz parte do Território do Sisal, no sertão da Bahia. Pautada numa abordagem qualitativa, as leituras sobre a obra em estudo baseiam-se, sobretudo, na Geografia Humana e Cultural, com ênfase no conceito de lugar e paisagem, assim como na teoria e crítica literárias para pensarmos mais a fundo a respeito dos espaços geográficos, da identidade e da cultura dos/as estudantes de Santaluz. Nessa perspectiva, indagamos: de que forma o diálogo entre a Geografia e a Literatura pode ressignificar o ensino/aprendizagem acerca do (ser)tão luzense? A Literatura, como parte da cultura de um povo, ajuda-nos a sentir, pensar e compreender os espaços geográficos de forma mais significativa e prazerosa, desconstruindo conceitos e valores preestabelecidos. Por certo, a relação da Geografia com a Literatura pode contribuir de maneira dinâmica, criativa e inovadora para o processo de formação crítica e humana dos/as alunos/as na escola.

Palavras-chave: Lugar, Paisagem, Geografia Cultural, Literatura, (Ser)tão.

1 - Mestra em Educação e Diversidade (UNEB). Professora de Geografia do município de Santaluz/Bahia. Membro do grupo de pesquisa: A escrita da ausência nas literaturas portuguesa e brasileira. E-mail: cidinhagordiano@hotmail.com; 2 - Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade (MPED/UNEB) Professora de Geografia do município de Valente/Bahia - Secretaria Municipal de Educação de Valente. Membro do grupo de pesquisa: A escrita da ausência nas literaturas portuguesa e brasileira. 3 - Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/DEDC/Campus XIV). Coordenador do grupo de pesquisa: A escrita da ausência nas literaturas de língua portuguesa.

The (being)tão de Santaluz: geo-literary readings based on the romance the apparitions of Dr. Salu and other stories, by Guido Guerra

ABSTRACT

This article proposes a critical reflection about possible geo-literary dialogues from the novel *As aparições de Dr. Salu and Other Stories* (1981), by Guido Guerra. It is a transdisciplinary work that aims to enhance the teaching/learning of Geography in Santaluz – a municipality that is part of the Sisal Territory, in the hinterland of Bahia. Based on a qualitative approach, the readings on the work under study are based, above all, on Human and Cultural Geography, with emphasis on the concept of place and landscape, as well as on literary theory and criticism to think more deeply about geographic spaces, identity and culture of Santaluz students. In this perspective, we ask: how can the dialogue between Geography and Literature re-signify teaching/learning about (being) so Luzense? Literature, as part of the culture of a people, helps us to feel, think and understand geographic spaces in a more meaningful and pleasant way, deconstructing pre-established concepts and values. Certainly, the relationship between Geography and Literature can contribute in a dynamic, creative and innovative way to the process of critical and human formation of students at school.

Keywords

Place, Landscape, Cultural Geography, Literature, (Being)so.

Introdução

O presente artigo traz uma reflexão crítica acerca de possíveis diálogos geo-literários a partir do romance *As aparições de Dr. Salu e Outras histórias* (1981), de Guido Guerra. Trata-se de uma proposta transdisciplinar que visa potencializar o ensino/aprendizagem da Geografia em Santaluz – município que faz parte do Território do Sisal, no sertão da Bahia, localizado a mais ou menos 261 km de Salvador, segundo o IBGE (2021) com uma população estimada de 37.531 habitantes.

Importa destacar que nossas leituras sobre a obra em estudo baseiam-se, sobretudo, na Geografia Cultural que nos possibilita uma visão de mundo plural, assim como um olhar sensível e reflexivo sobre as manifestações culturais presentes em diversas sociedades. A Literatura, como parte da cultura de um povo, seja oral e/ou escrita, ajuda-nos a sentir, pensar e compreender os espaços geográficos de forma mais significativa e prazerosa desconstruindo conceitos e valores preestabelecidos.

A Literatura oportuniza-nos conhecer histórias, paisagens, valores, culturas, línguas, manifestações artísticas, religiões e culinárias de povos de várias partes do mundo. Nesse sentido, o/a professor/a e o/a alunos/a podem, por meio da poesia e da prosa, deparar-se com diversos conceitos geográficos quase sempre antecipados pelas obras literárias.

Este trabalho está subdividido em duas seções: a primeira aborda sobre os conceitos de lugar e paisagem e como eles estão presentes na obra literária. Já a segunda traz uma análise do (ser)tão luzense e de que forma os conceitos de lugar e paisagem podem ser (des)lidos e ressignificados nas narrativas de *As aparições de Dr. Salu e Outras histórias* (1981).

Conceito de lugar e paisagem na perspectiva geo-literária

Pensar o conceito de lugar na perspectiva da Literatura é bastante significativo, pois muitas obras associam-no aos personagens, assim como seus saberes e experiências, numa tentativa de construção identitária e de pertencimento. Na história geográfica, esse conceito foi destacado a partir da Geografia Humana e da Geografia Cultural. Segundo Tuan (1983, p. 151), “[...] o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significados [...]”. Ou seja, a partir das relações do sujeito com determinado espaço, este pode transsubstanciar-se num lugar de identidades, afetos, memórias e histórias capazes de ressignificar a vida.

Nessa perspectiva, Carney (2007, p. 124) destaca que “[...] os lugares afetam as pessoas, e as pessoas os criam ou os mudam [...]”. Ao relatar sobre a distinção dos lugares, Carney (2007, p. 124) afirma, ainda, que todos “[...] têm traços individuais, físicos e culturais que os distinguem de outros lugares [...] as pessoas modificam a paisagem natural de um determinado lugar simplesmente ao ocupá-lo [...]”. Nesse sentido, o valor e o significado dos lugares dependem das relações constituídas entre estes e o sujeito.

Para Cavalcanti (2012), o lugar representa um ponto no espaço, visto que este também é associado à ideia de local ao qual as experiências cotidianas estão implicadas nas relações de familiaridades, afetividades e identidades. A autora Cavalcanti (2011, p. 6, grifo nosso) ressalta que “[...] a cidade e o espaço campesino podem ser vistos como lugar, pois é onde se produz um modo de vida, onde se exerce no cotidiano a cidadania, onde se produz as práticas sociais cotidianas com sua irredutibilidade [...]”. Segundo Carney (2007, p. 129), “[...] para os geógrafos, o estudo de lugares abre uma variedade de perspectivas. Lugares fornecem ancoragem emocional para a atividade humana [...]”.

De acordo com Augé (1994), os lugares são identitários, relacionais e históricos. Caso não exista uma dessas características, pode ser definido como um “não-lugar”. O referido pesquisador pontua também que (1994, p. 74), “[...] o lugar e o não-lugar são, antes polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente [...]”. A título de exemplo, poderíamos dizer que vias aéreas, rodoviárias, os meios de transportes, aeroportos, estações, supermercados, *a priori*, podem ser pensados como “não-lugares” (AUGÉ, 1994). Assim, o conceito está bastante imbricado nas narrativas literárias, pois os autores/as utilizam os lugares para neles narrarem seus enredos, entrelaçando ficção e realidade, ou seja, é impossível ter uma trama literária que não tenha lugares (cenários), personagens e histórias coexistindo no fluxo de uma narrativa.

Ao refletir sobre lugar e Literatura, Leopoldino (2017) destaca que os escritores/as literários/as teriam dificuldade de desenvolver suas obras sem a utilização dos lugares e as configurações geográficas, mesmo fictícias. Eles/as pensam lugares como elemento para desenvolver seus enredos, tornado a leitura geográfica indispensável à Literatura. A autora ressalta ainda que a Literatura pode servir como fonte preciosa e capaz de avaliar a originalidade-personalidade dos lugares, fornecendo exemplos dinâmicos de análises espaciais. Leopoldino (2017) sinaliza também que a Literatura Contemporânea tem a característica de dar maior relevância ao lugar e seus significados, as relações com/entre sujeitos e entre os lugares. Conforme Borges e Silva (2016, p. 117) a arte literária

[...] tem a competência de dar visibilidade aos lugares. De posse dessa habilidade a Geografia tem possibilidades múltiplas, na apreensão e apresentação da essência do lugar, via estudo da percepção, atitudes, valores representados pelo indivíduo e pela coletividade.

Dessa forma, como salientam Alves e Silva (2016, p. 326), compreendemos que “[...] a literatura está intrinsecamente ligada ao cotidiano ordinário das pessoas, e às suas experiências e sentimentos construídos em relação aos lugares [...]”. Com efeito, a obra literária possibilita aos/às alunos/as viajar e conhecer lugares (re)inventados por meio da linguagem verbal.

Aqui, faz-se relevante adentrarmos, brevemente, acerca do conceito de paisagem. De acordo com Santos (2014), esta não é sinônimo de espaço. Para o mencionado autor (2014, p. 67), “[...] tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como domínio do visível, aquilo que

a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. [...]”. Já Castro (2015, p. 40) destaca que “[...] a paisagem vai além daquilo que se vê. Ela também abarca aquilo que pensamos, sentimos, acreditamos, tememos, desejamos (nossos sonhos) e tudo isso abarca a dimensão do imaginário [...]”. Em consonância com o exposto, Cavalcanti (2012, p. 51) ressalta que a paisagem se configura como:

[...] o domínio do visível, a expressão visível de um espaço; é o domínio do aparente, de tudo que a visão alcança; do que é vivido diretamente pelo corpo, com todos os sentidos - visão, audição, tato, olfato, paladar - ou seja, é a dimensão das formas que expressam o movimento da sociedade.

Importa destacar que a paisagem não é apenas o belo, mas também o que consideramos “feio”, ou seja, ela abarca o que vemos e o que sentimos: o físico e o metafísico. Baseando-se em Carl Sauer, Santos (2014) destaca dois tipos de paisagens: a natural e a artificial. Estas se referem a representações, quer sejam imaginárias ou reais de um espaço. Na paisagem urbana, percebemos uma heterogeneidade, visto que abarca aspectos naturais e artificiais e consiste em intensas transformações promovidas pela sociedade.

Por certo, compreendemos que a paisagem urbana é cultural, pois, como ressaltam Corrêa e Rosendahl (2007, p. 10), nota-se um maior “[...] interesse pela cultura a partir do fato de ela ser entendida como resultado da ação humana alterando a paisagem natural [...]”. Para Corrêa (2007), a dimensão cultural do urbano passou a ser percebida, valorizada e problematizada pelos geógrafos a partir da década de 1970. Ele destaca que os termos cultura e urbano possuem grandes relações, assim, as leituras de paisagem no espaço urbano são possíveis por várias perspectivas sociais, econômicas, históricas e culturais. Ademais, chamamos a atenção para as paisagens rurais que também podem ser percebidas em diversas expressões artísticas, como a literatura.

Dessa maneira, sob a ótica da Geografia Cultural, destacamos que algumas narrativas trazem consigo representações de paisagens. Seemann (2007) afirma que as paisagens naturais e culturais são matérias primordiais para o processo de criação de diversos poetas, romancista, cronistas e contistas; essas que, como destaca o autor, estão ligadas à memória e às identidades dos sujeitos sociais captadas e ressignificadas por vários escritores. Segundo Pinheiro Neto e Silva (2016, p. 215), “[...] a paisagem na literatura expressa muito do que conseguimos decodificar através de nossos sentidos, é subjetiva ao que podemos perceber nas suas entrelinhas [...]”.

Para Castro (2015, p. 41), “[...] a obra literária, inegavelmente, nos permite ler o mundo de forma integrada e superar certa tendência para emoldurar mecanicamente as nossas leituras de paisagem e de lugar a partir de ladrilhos compartimentados [...]”. Castro (2015, p. 50) ainda sublinha que “[...] a contemplação paisagística alimenta a inspiração de poetas e compositores [...]”. Assim, os textos literários têm um papel importante no processo de (re)criação e ressignificação das paisagens.

Portanto, segundo Marandola Júnior (2010, p. 22), “[...] os geógrafos precisam reaprender a contemplar, com olhar lírico, as paisagens e os lugares [...]”. Estes que, como destacam Suzuki e Silva (2016), não são apenas retratados, mas revelados e contados no fluxo da linguagem criativa.

O (ser)tão luzense em *As Aspirações de Dr. Salu e Outras Histórias*

Guido José da Costa Guerra, autor da obra sobre a qual nos deteremos, nasceu em Santaluz/BA, no ano de 1943 e morreu em Salvador, em 2006. O escritor e jornalista baiano escreveu algumas obras que marcam o cenário da literatura produzida na Bahia, como: *As Aparições do Dr. Salu e Outras Histórias* (1981), *A Noite dos Coronéis* (2005), *Quatro Estrelas no Pijama* (1989), *Ela se chama Joana Felicidade* (1984), *Lili Passeata* (1985), *Vila Nova da Rainha Doida* (1998) e *Auto-retrato* (2003).

A obra *As Aspirações de Dr. Salu e Outras Histórias* (1981) pode provocar nos professores/as e alunos/as importantes reflexões sobre o (ser)tão no município de Santaluz. Inicialmente, gostaríamos de destacar (ser)tão como uma ideia de pertencimento ao(s) lugar(es) luzense(s). Nesse sentido, o romance opera diretamente no imaginário do/a leitor/a levando-o/a imergir na história de Santaluz. Com efeito, o livro potencializa o ensino de Geografia para que professores/as e alunos(as) conheçam a história do(s) seu(s) lugar(es) e agreguem, provocando-lhes sentimentos de pertencimento, diálogos e reflexões a respeito das histórias de vida de cada um/a. Como salienta Dias (2020, p. 125):

Todos nós temos histórias de vida. Afirmção clichê? Lugar comum? Não! Trata-se de uma forma de pensar a ciência geográfica considerando radicalmente que nossa geograficidade é atravessada pelo modo como nos constituímos e construímos nossas histórias.

No romance, Guerra (1981) destaca sobre o surgimento da cidade de Santaluz marcada pelo coronelismo, como podemos notar neste fragmento em que se evidencia a imagem do poder associado à figura do Coronel¹:

i - Não se trata de uma patente militar e sim de um costume popular. Naquela época, século XIX, os grandes proprietários de terra, influentes políticos eram chamados de coronel.

Santa Luz não era nada, quando o Coronel chegava. Nem vila nem cidade, um lugarejo inabitado, ignorado. Trem passava e não parava. Nem nome tinha. Um pedaço de terra fora do mapa. Só Coronel perdido no estranho mundo que descobrira. [...] Seu já era o lugarejo. Cercava as terras, o tanque de beber, a represa, o caminho de pedra negra. Tudo seu - terra e povo. Primeira casa fora sua, à beira do corte, a fachada do lugarejo [...] Seus, também, o primeiro carro de boi, a primeira charrete, a primeira feira, toda sua, o coreto erguido na Praça da Feira, a pensão construída do outro lado da corte, a casa de fogos, o primeiro pau-de-arara. Tudo seu - terra e povo. E o trem já parava no lugarejo. E Santa Luz já era vila. [...] A vila cresceu, virou cidade, crescendo sem saber, existindo sem querer. A Praça do Coronel, bancos, jardim, árvores podadas, fonte luminosa, Prefeitura de um lado, pensão de outro, casas novas, velhas casas, compondo a paisagem da cidade, o corte no meio dividindo a cidade [...]. (GUERRA, 1981, p. 68, 71)

Ergue-se um cenário no qual o lugar-sertão vai sendo transformado de forma gradual pela relação de poder firmada entre o Coronel e “sua gente”. Nesse contexto, o narrador expõe o surgimento de Santaluz que, como diversas cidades localizadas nos sertões baianos, foi forjada pelas forças oligárquicas constituídas ao longo de décadas. Na obra, a figura do Coronel representa tantos outros coronéis que exerciam a violência psicológica e, sobretudo física, para apropriar-se das riquezas naturais do lugar e dos povos originários, criando, assim, uma relação de opressor e oprimido em que a lei “sou eu” e não o outro. Vejamos esse breve diálogo:

- E a lei, Coronel, e a lei?
- Sou eu.
- E as terras quem lhe deu?
- A lei.
- E quem fez a lei?
- Eu sou a lei [...]. (GUERRA, 1981, p. 68)

Essa citação representa uma concentração fundiáriaⁱⁱ que conseqüentemente repercute em desigualdade socialⁱⁱⁱ promovida pelo Coronel pejado de arrogância e autoritarismo. Certamente, Guido Guerra remete-se ao Coronel José Bahia da Silva Leitão, uma vez que o narrador-personagem é bisneto do Coronel e, o próprio escritor tinha um laço parental com ele. De acordo com Silva (2019, p. 56), o Coronel Leitão

[...] chegou em Santaluz (Santa Luzia, na época) em 1887, vindo de Pesqueira-PE e se tornou um grande comerciante de peles trazendo o ‘progresso’ para a comunidade. Depois, resolveu negociar terras e adquiriu muitas fazendas, deixando-as para os seus filhos e netos. Era um homem que sabia lidar com as pessoas, mas possuía jagunços na sua casa grande, também conhecida como a Casa dos Leitões, que foi construída em 1889, onde nasceram alguns dos seus filhos e netos. A casa grande atualmente é um patrimônio histórico da cidade e está em processo de restauração. O Coronel José Leitão era um homem temido por muitos trabalhadores e pessoas da comunidade, pois ele era considerado o “mandão” de Santa Luzia.

Guido retoma, no romance, fatos históricos recorrentes em todo território nacional, a exemplo da presença de grandes latifundiários que, munidos de capital e, conseqüentemente, de destaque social, criavam ou desconsideravam as leis. Decerto, as terras que naturalmente pertenciam aos índios e/ou aos mestiços eram-lhes tomadas à base das mais diversas formas de violência. O “progresso”, fruto direta ou indiretamente do poder oligárquico, contou, sobretudo, com a mão de obra escrava que ainda reverbera, infelizmente, em pleno século XXI no Brasil.

ii - Muitas terras, grandes propriedades, sobre a posse de poucas pessoas. E muita gente sem-terra, ou com pequenas propriedades, hectares que não suprem as suas necessidades.

iii - É considerada quando alguns possuem bens aquisitivos, enquanto muitos não possuem o mínimo necessário para viver, ou seja, pobreza versus riqueza, que repercutem na educação, saúde e qualidade de vida. Essa desigualdade está muito atrelada a fatores históricos em destaque nas colônias de exploração em que também há profundas desigualdades de gênero e raça

O Colégio Estadual José Leitão, localizado no município, faz homenagem ao Coronel. A cidade de Santaluz também possui uma praça com o nome do Coronel, na qual se localizava a casa grande, mencionada no excerto acima. São lugares que fazem parte da história do município e se encontram “vivos” e estereotipados na obra do escritor baiano.

Ao longo da narrativa, o personagem Coronel, ao temer os gringos (pessoas de outros países que não são brasileiros) que chegaram à cidade, dá-lhes a Mina, um espaço das terras. Esse gesto não representava bondade por parte do Coronel, muito pelo contrário, era uma estratégia de evitar possíveis conflitos por parte dos estrangeiros que ali se encontravam. Observemos a seguinte descrição da Mina: “quilômetro e meio distante da cidade, caatinga só. Fim de mundo, disgrama de lugar, deserto [...]” (GUERRA, 1981, p. 67). Lugar que, diferentemente do que pensava o Coronel, tinha enorme valor, pois nessas terras havia manganês (um tipo de metal utilizado na indústria de siderúrgica), pedras negras, perdidas na caatinga, mas exploradas pelos gringos. Observemos de que maneira o narrador continua a descrever o lugar, revelando o seu nome: “Alto, íngreme, o Morro do Lopes, distante da cidade. Caminho escorregadio, percorrido a medo, momento a momento, vivido [...]”. Trata-se, ainda hoje, de um lugar muito bonito e bastante visitado no município, como é possível observar na imagem (Figura 1).

Figura 1. Morro dos Lopes



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

A partir da leitura e análise crítica do livro, é possível dialogar sobre a extração de minerais e de granitos, uma das principais atividades econômicas do município, ressaltando como essa atividade está acontecendo, como que as empresas estrangeiras chegam ao município e como elas extraem as matérias-primas da natureza. Em uma *live* do Seminário Temático “Geomorfologia do Semiárido”, promovido pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPB), em 2020, o professor Lima (2020) dialogou sobre como acontece o extrativismo no município luzense. Ele ressaltou que a extração do granito para a pavimentação

é uma atividade importante do ponto de vista econômico e social. Mas, há vários impactos ambientais e sociais que não geram benefícios para a população como um todo, a exemplo das péssimas condições laborais, assim como o trabalho infantil.

Ao citar a extração de ouro pela empresa *Yamana Gold*, na fazenda Maria Preta, em Santaluz, o professor destaca o número de desemprego causado pela saída da empresa mineradora. Ele também ressaltou que as lavras sem planejamento trouxeram alterações na paisagem, com grandes impactos ambientais.

Importante destacarmos que as rochas retiradas nas pedreiras estão muito presentes no município, sendo possível percebê-las na arquitetura da Igreja Matriz, nos muros das casas, no cemitério e em alguns monumentos existentes na praça. Como diz Cavalcanti (2011, p. 06):

O lugar deve ser referência constante, para que o estudante construa seu conhecimento a partir da sua interação com a realidade mediada por instrumentos simbólicos. Mas isso não significa trabalhar o espaço vivido restrito aos seus limites empíricos, pois o lugar sintetiza de uma maneira específica o mundo, expressa relações mais gerais, mais globais, em sua complexidade e em suas contradições.

Após descrições do surgimento da cidade com característica marcante do coronelismo, o enredo segue com narrações em primeira pessoa, como a do personagem, herdeiro do Coronel, que conta a vida de seus parentes e um pouco da sua relação com essas pessoas. Para Oliveira e Passos (2020, p. 99), os cenários e os personagens

[...] que compõem as histórias literárias, podem nos ensinar muito de Geografia porque a linguagem literária é, antes de qualquer coisa, escrita e diferenciada e possui um sistema semiótico, polissêmico, aberto a várias interpretações. Portanto, possibilita inúmeros entendimentos a partir da subjetividade de cada leitor.

A princípio destacamos a figura de Dr. Salu, neto do Coronel, nome que dá título ao livro. “Médico do povo”, “povo-médico”, o personagem aparece, mesmo depois de morto, “[...] montado em seu cavalo alazão, cavalgando pelos ásperos caminhos do sertão, curando pestes salvando vidas, fazendo partos perigosos [...]” (GUERRA, 1981, p. 111). Notamos, então, no romance, a presença do imaginário popular atribuindo à alma de Dr. Salu poderes de cura. Nessa perspectiva, o médico, depois de transcender o plano material, permanece ocupando um lugar de poder como neto do Coronel e doutor. Importa frisar que ser doutor em cidade do interior ainda tem no imaginário coletivo uma importância muito grande, já que é privilégio de uma minoria detentora do poder econômico.

Já a personagem Anina, filha de Dr. Salu, migra para o Rio de Janeiro, retornando, em algum momento, para passear em Santaluz, esta que, como descreve o narrador, está no “[...] fim do mundo [...] nos] cafundós-do-judas [...]” (GUERRA 1981, p. 87). Da cidade natal de Anina para o Rio de Janeiro há distância e as diferenças geográficas e culturais são grandes; “[...] e tudo era velho para ela. Até o trem que

tanto amava [...]” (GUERRA 1981, p. 87). Para Anina, “gente fina” e “de prestígio”, marcadamente envolvida pela atmosfera carioca, os habitantes do sertão eram inferiores, pobres, ralés e mesquinhos. No entanto, daquele lugar ao qual pertencera:

Anina queria, ao máximo – e quanto antes - gozar suas férias. Farta de tudo, voltava coração cheio de ilusões ao sertão, onde nascera. Começava a divagar: seria a casa-grande a mesma, imutavelmente a mesma? E as pessoas que lhe deram momentânea felicidade por onde andariam, onde se haviam escondido? Acaso, não iriam buscá-la, como o faziam nos idos da infância, único tempo em que se é feliz, livre e feliz? Não, não haveria o doce reencontro com a infância. Tudo mudara [...]. (GUERRA 1981, p. 87)

Apesar das diferenças geográficas, sociais, econômicas e culturais, entre o Rio de Janeiro e Santaluz, Anina é movida pela memória, pelo pertencimento e pelas identidades constituídas numa infância na qual a felicidade renovava-se sob os ares bucólicos da sua pequena cidade nos recônditos de uma Bahia marcada pela simplicidade do homem e da mulher do campo. Percebemos que os sentimentos da personagem se confundem num jogo antagônico de sensações, pois, ao mesmo tempo em que Anina sente-se superior por morar na capital, estar em Santaluz é regressar a um passado feliz, uma espécie de paraíso perdido revisitado por meio da memória.

Através do olhar atento da personagem, o narrador retrata a paisagem urbana de uma cidade descuidada: “[...] na Praça do Coronel, árvores por serem podadas, fonte luminosa abandonada, sem lâmpada e sem água, depósito de lixo [...] bancos quebrados [...] Feira, aos sábados, quase nada [...]” (GUERRA, 1981, p. 89). Desse modo, Anina, ao perceber um ambiente de abandono e de pobreza “[...] comoveu-se com a miséria de uma gente que vivia à margem da vida, como bicho [...] reparou nas crianças magras, barrigudas e caras chupadas [...]” (GUERRA, 1981, p. 88). O personagem-narrador, em diálogo com Anina, considera que a culpa de tais mudanças era dos gringos que exploraram o solo e o subsolo.

Desse modo, o romance pode contribuir muito para reflexões críticas de professores/as e alunos/as nas escolas de Santaluz trabalhando, numa perspectiva geo-literária temas como paisagem, espaço, preconceito, racismo, economia, cultura, relações de poder, escravismo, representação, machismo, dentre outros, destacando contextos históricos do passado e do presente que atuam no processo de formação do sujeito. De acordo com Cavalcanti (2019, p. 123):

Conhecer melhor a cidade, [...] é uma meta essencial para o trabalho a ser realizado com a Geografia na escola. A formação do conceito de cidade, constituída por uma rede de significados, é relevante para os jovens escolares, para que possam lutar para o exercício pleno de sua vida social e coletiva.

Não podemos nos esquecer de Pepeta, uma negra comprada, que possui importante papel na vida de Anina. Apesar de tê-la como propriedade, a mulher considerava-a como “filha branca”. O narrador ressalta, ao descrever Pepeta, que ela, aos sessenta anos, estava com mãos calejadas do trabalho duro. No entanto, sua ancestralidade afro-brasileira podia ser notada nas narrativas orais pelas quais contava histórias

de caipora, lobisomem, “[...] casos de espantar e estarrecer que só acontecera no sertão [...]” (GUERRA, 1981, p. 110). Pepeta também cuidava de Anina com os conhecimentos que tinha das plantas medicinais e de rezas oriundas das tradições culturais e religiosas afro-indígenas brasileiras. Para Nascimento (1978, p. 94):

A manifestação cultural de origem africana, na integridade dos seus valores, na dignidade de suas formas e expressões, nunca teve reconhecimento no Brasil, desde a fundação colônia, quando os africanos e suas culturas chegaram ao solo americano.

A afrodescendência em solo brasileiro remete a uma vida de servidão, de sofrimento. Na obra, Pepeta herda as dolorosas marcas da escravidão; subalterna ao ambiente da Casa-grande, ela nem teve alternativas, muito menos perspectivas. Trata-se de um ser humano atravessado de forma violenta pelo poder de uma oligarquia branca que naturalizava a escravidão do outro como propriedade. Conforme pontua Guerra, (1981, p. 112): “O sertão era seu mundo, grande, estranho, estranho e grande [...]”. Esse no qual a natureza é minuciosamente descrita nas páginas do romance:

[...] mandacaru^{iv} florando, vermelho era o fruto, picado por pássaros, espinhos enormes [...] urtiga e cansação à beira, o caminho enladeirado, esburacado – pedras, espinhos, tocos, estrumes gravetos – percorridos a pé e a cavalo. [...] quase estéril aquela terrinha, seca, chão duro, mato rasteiro, esturricado, sol encardindo rostos, tininho – insolação e quentura – bulindo com o juízo dos homens. Os túneis – eram três – fundos, impenetráveis. Mato crescia livre, ali, também, nasciam e reproduziam-se as cobras mais venenosas [...] traiçoeiras, enroscando-se ora nos galhos dos umbuzeiros, ora à margem das estradas [...]. (GUERRA, 1981, p. 67)

No fluxo da narrativa, a fauna e a flora coexistem na sua inteireza. Ademais, o bioma da caatinga é corporizado numa paisagem diversificada de plantas e animais: cobras venenosas, umbuzeiros, urtigas, cansanções, mandacarus, cavalos, pássaros etc. Notemos, mais uma vez, que há uma parte da Geografia Cultural sobre a qual professores/as e estudantes podem pensar e discutir, detendo-se, por exemplo, acerca de conceitos e tipos de paisagens, assim como a relação do ser humano com a terra, tipo de solo e vegetação. Vejamos, abaixo (figura 2), a imagem de um mandacaru registrado em Santaluz:

Figura 2. Mandacaru: riqueza dos sertões



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

O livro expõe também a cultura do sisal^v com a qual um pequeno grupo de fazendeiros e empresários enriqueceram, por meio da exploração mãos de obra baratas, submetendo, muitas vezes, mulheres, homens e crianças a condições análogas à escravidão nos sertões da Bahia. Por certo, os/as professores/as podem propor aos seus/suas alunos/as uma discussão a respeito da plantação e do cultivo do sisal, seus impactos ambientais, dado, sobretudo, ao alto índice de desmatamento, às relações de poder entre patrão/empregado, às condições sociais, educacionais e de saúde de centenas de pessoas que viveram e vivem da exploração dessa planta em Santaluz e outros municípios baianos.

iv - Planta típica da caatinga, essa que, muito resiliente, resiste a grandes períodos de estiagem. Durante as longas secas, ela se mantém viva devido a sua capacidade de captação e retenção de água. Trata-se inclusive de uma planta que é muito usada pelos/as nordestinos/as para alimentação de animais, sobretudo em época de seca.

v - A Agave, ou popularmente conhecida como sisal, originou-se no México. É um tipo de planta que tem como produto a fibra utilizada para a construção de cordas, fios, tapetes. No solo brasileiro, o sisal teve uma adaptação significativa em regiões semiáridas, em destaque o Território do Sisal, localizado no sertão do estado da Bahia. Esse que é o maior produtor de sisal no mundo. Após a transformação da planta em fibra e em cordas, há um processo de exportação. Os municípios baianos do Território do Sisal, produtores do sisal, são: Valente, Queimadas, Santaluz, Retirolândia, São Domingos, Araci e Conceição do Coité.

Zoada de máquinas, motores ligados, movidos a óleo, desfibrando sisal, comendo mãos, braços, homens. Era cedo, manhã cedo [...] [...] Foice, enxada, picareta, pá, os instrumentos, abrindo e fechando covas, mudas, covas, mudas. Sol a sol – suor a escorrer-lhe pelo corpo, músculos rijos, contraindo-se. Motores – eram quatro – movido a óleo, oito bocas, sisal no ponto, cortado. Verde a fibra, as pontas negras, sisal espetava as pernas, braços, bundas. Sangue escorria, misturando com suor. (GUERRA, 1981, p. 88; 96)

O sisal chegou ao sertão nordestino a mais de cem anos e trouxe grandes contribuições para a economia. Segundo Santos e Silva (2017, p. 5) é uma “[...] planta capaz de resistir às longas estiagens, a agave se espalha rapidamente por duas dezenas de municípios do semiárido baiano [...]”. Meio de sobrevivência nos sertões, o sisal ainda é fonte de renda de muitas famílias em Santaluz e municípios circunvizinhos, como Valente, Retirolândia, Conceição do Coité, São Domingos, Araci, entre outros, que fazem parte do Território do Sisal, também conhecido como Região Sisaleira da Bahia. De acordo com Santos e Silva (2017, p. 2), são denominações que:

[...] já ganharam referência no cotidiano das pessoas, tanto nos municípios baianos, rotulados de sisaleiros, quanto em todo Brasil. É importante demarcar que existe um espaço, no estado da Bahia – Brasil, que foi historicamente se diferenciando em função de uma especificidade econômica: o predomínio do processo produtivo do sisal. O plantio da *Agave sisalana*, e seu aproveitamento econômico, foram capazes de constituir uma cadeia produtiva de sisal para exportação.

O sisal tornou-se um dos principais produtos de exportação do semiárido baiano e, conseqüentemente, foi eleito símbolo nas bandeiras de alguns municípios da região sisaleira, a exemplo de Conceição do Coité, Santaluz, Retirolândia e Valente.

Figura 3. Plantação de sisal



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Em *As memórias do Dr. Salu*, é possível perceber, através do diálogo entre Totônio e o Homem do Governo, o interesse do estado em investir nas lavouras de sisal:

- Sisal é esparro. É esparro.
- Engano seu – riu, tolerante, o Homem do Governo – Ledo engano.
- [...]
- O Governo estimula, ajuda, financia?
- Plante que o Governo garante.
- [...] O sisal é a redenção do Nordeste.
- [...] o Governo dá um prêmio a quem plantar mais sisal. (GUERRA, 1981, p. 97)

O diálogo entre os personagens aponta para o potencial da cultura sisaleira e da sua importância para o crescimento econômico do Nordeste. É certo que a narrativa literária se apropria do real para, sem compromisso, reinventá-lo. Não distante da fala do “Homem do Governo”, Santos e Silva (2017, p. 4) destacam que “O sisal encontrou as condições fundamentais para tornar-se uma *commodity*”^{vi}: incentivo do Estado [...] ação do Estado, baseada na identificação do potencial da planta para produzir uma fibra multiuso, incentiva a generalização do plantio [...]”.

vi - Mercadorias produzidas em grande quantidade e comercializadas internacionalmente.

Totônio, neto do Coronel, tomou gosto pelo sisal e passou a ser um grande produtor com resultados e lucros satisfatórios:

- Bonito de dar dó – sisal enfeitando a caatinga. Léguas e léguas, tudo verde, esperança, sisal nascendo, crescendo, sisal compondo a paisagem da cidade. Totônio arreganhava os dentes, ria feito uma besta, sem quê nem pra que.
- Desta vez, lavo a jega.

[...] Bem que o Homem do governo dissera:
- Plante que o governo garante. (GUERRA, 1981, p. 98)

O acúmulo de riqueza, concentrada nas mãos de uma pequena elite, favorece, até hoje, o crescimento da indústria e do poder político através da eleição de prefeitos, vereadores e deputados diretamente vinculados à empresa do sisal. De um lado, fazendeiros e empresários acumulando riquezas, do outro, pessoas cooptadas para o trabalho braçal sem direito à terra e, muito menos, aos lucros provenientes das fibras do sisal.

Na narrativa, Vando, uma criança-jagunço de Totônio, não possui nem sequer uma simples casa. Ele morava de favor nos fundos da Casa-grande da família do Coronel. O jagunço não possui um de seus braços, pois este foi decepado quando desfibrava o sisal. Vítima da violência, o menino sofria física e psicologicamente os maus-tratos da escravidão: “Totônio apanhava o chicote, chicotada no lombo, com força e raiva, raiva e força, cobrindo de couro o menino, [...] deixava-o mole, arriado no chão, chorando, corpo marcado, chicotadas no corpo [...]” (GUERRA, 1981, p. 99).

O fragmento acima pode ser utilizado pelos/as professores/as para provocar nos/as alunos/as uma ampla discussão sobre o trabalho infantil ainda muito presente nas lavouras de sisal. Nessa perspectiva, a produção do sisal consolida-se por meio de um sistema desigual de trabalho, como podemos observar no corpo do romance. Neste, o escritor Guido Guerra (1981) opera a linguagem literária a fim de retratar um pouco da realidade do povo sertanejo: sua geografia, sua cultura, seus valores, suas tradições, seus modos de vida, sua dificuldade social e as relações de poder entre ricos e pobres por meio da qual se propagam a pobreza, o preconceito, o racismo e o desrespeito à dignidade humana.

Considerações finais

Os diálogos transdisciplinares entre a Geografia e a Literatura oportunizam a professores/as e alunos/as uma ampla e plural reflexão sobre o ensino/aprendizagem de diversas regiões do país e do mundo, seus povos, culturas, sistemas políticos e sociais, fauna, flora etc.

A partir das reflexões críticas sobre *As Aspirações de Dr. Salu e Outras Histórias* (1981), de Guido Guerra, detemo-nos sobre as possíveis contribuições dessa obra para o processo de formação leitora dos/as estudantes de Santaluz, município baiano localizado no Território do Sisal. Numa imersão cuidadosa no romance, verificamos importantes temas que podem ser trabalhados nas escolas luzenses, a saber: o coronelismo; as relações de poder entre fazendeiros, empresários e trabalhadores do campo; o plantio e a comercialização do sisal; o trabalho escravo; a desigualdade social nos sertões da Bahia; o bioma da caatinga e seu clima.

Desse modo, é possível conhecer e discutir acerca da origem de Santaluz, dos valores e das tradições do seu povo. Por certo, numa leitura atenta, professores/as e alunos/as são levados a pensar nas relações

de poder entre ricos e pobres marcadas pelas heranças dos antigos coronéis. Certamente, há nas páginas de *As Aspirações de Dr. Salu e Outras Histórias* o cenário do semiárido em que homens, mulheres e crianças lutam dia a dia para ressignificar o (ser)tão que há no interior de cada um/a, em pleno interior do nordeste brasileiro no qual vida e morte estão amalgamadas a cada amanhecer.

Na atmosfera de Santaluz, as paisagens entrelaçam-se com elementos distintos e singulares corroborando para a significação e reconhecimento das identidades do povo sertanejo. Portanto, a Literatura está intrinsecamente ligada à vida e, por meio da ficção, busca compreender a complexidade do ser humano no mundo. Em suma, partindo de um romance baiano, notamos o quanto as obras literárias potencializam as leituras de professores/as e alunos/as para que possam perceber-se num rico e diverso jogo de inter-relações enquanto sujeitos capazes de pensar a vida numa rede colaborativa de trocas de saberes e experiências em que o (ser)tão é afirmar-se capaz de reinventar-se a cada dia.

Referências

- ALVES, Priscila Viana; SILVA, Marcelo Werner da. Representações geográficas na poesia de Mário Quintana. In: SUZUKI, Júlio César; SILVA, Valéria Cristina Pereira da (Orgs.). **Imaginário, espaço e cultura: Geografias poéticas e poéticas geografias**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. p. 318-335. [livro eletrônico]. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/110>. Acesso em: 29 out. 2022.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lucia Pereira. Campinas, SP: Papyrus 1994.
- BORGES, Júlio César Pereira; SILVA Wellington Ribeiro da. Literatura e Geografia na análise da fazenda – roça goiana. In: SUZUKI, Júlio César; COSTA, Everaldo Batista da; STEFANI, Eduardo Baidier (Orgs.). **Espaço, sujeito e existência: Diálogos espaço geográfico das artes**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. p. 110-132. [livro eletrônico]. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/105/88/437>. Acesso em: 29 out. 2022.
- CARNEY, George O. Música e lugar. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 7-16.
- CASTRO, Jânio Roque Barros de. Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance “Mar morto”, de Jorge Amado. **Revista Geograficidade**, [S. l.], v. 5, n. 2, Inverno, 2015. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12943/pdf_1. Acesso em: 29 out. 2022.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Aprender sobre a cidade: a geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares. **Revista Geográfica de América Central**, [S. l.], v. 2, p. 1-18, julho-diciembre, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4517/451744820130.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2021.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de Geografia e cenários urbanos cotidianos: laboratórios para o desenvolvimento do pensamento geográfico. **Ponto sur**, [S. l.], n. 1, p. 122-143, jul. 2019. Disponível em: <http://revistascientificas2.filo.uba.ar/index.php/RPS/article/view/6916>. Acesso em: 08 jan. 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. A Geografia cultural e o urbano. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 167-186.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny, Geografia Cultural: Introduzindo a temática, os textos e uma agenda. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 9-18.

DIAS; Juliana Maddalena Trifilio. A geograficidade por meio da narrativa e memórias de múltiplos tempos e lugares. *In*: PORTUGAL, Jussara Fraga (Org.). **Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 125-143.

GUERRA, Guido. **As Aspirações de Dr. Salu e Outras Histórias**. 4. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1981.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades - Santaluz**. [S. l.]: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/santaluz.html>. Acesso em: 01 nov. 2022.

LEOPOLDINO, Anna Paula Carvalho de Couto. **Romances de Vida-seca: Diálogos entre Geografia e Literatura nos lugares “das Alagoas”**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/25598/1/Anna_Paula_Carvalho_Couto_Leopoldino_Dissertacao_Final.pdf. Acesso em: 01 nov. 2022.

LIMA, Kleber C. EGEORN 2020 - Mesa 7: Geomorfologia do Semiárido. **Youtube**, out. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/IFZz-SzN140>. Acesso em: 26 nov. 2020.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. Humanismo e arte para uma Geografia do conhecimento. **Geosul**, Florianópolis, v. 25, n. 49, p7-26, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2010v25n49p7/14027>. Acesso em: 30 out. 2022.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

OLIVEIRA, Simone Santos de; PASSOS, Miriam Barreto de Almeida. Memórias, histórias e geografias: os lugares e tempos versados na literatura. *In*: PORTUGAL, Jussara Fraga (Org.). **Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 81-103.

PINHEIRO NETO, José Elias; SILVA, Wellington Ribeiro da. O homem/rio e o rio/homem na tríade da água de João Cabral de Melo Neto. *In*: SUZUKI, Júlio César; SILVA, Valéria Cristina Pereira da (Orgs.). **Geografias poéticas e poéticas geografias**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. p. 213-237. [livro eletrônico]. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/110>. Acesso em: 29 out. 2022.

SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro; SILVA, Onildo Araujo da. Sisal na Bahia - Brasil. **Mercator**, Fortaleza, v. 16, e16029, 2017. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e16029>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6. ed. 2. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SEEMANN, Jörn. Geografia, geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri (Ceará). **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 1, n. 1, set/2007, p. 50-73, 2007. Disponível em: http://www.academia.edu/download/329564/patativa_atelie_geografico.pdf. Acesso em: 13 ago. 2016.

SILVA, Maria Sônia Mattos da. **A relevância das linguagens artísticas vivenciadas pelos/as alunos/as do Colégio Estadual José Leitão e as implicações para o processo de ensino e aprendizagem.** 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, Bahia, 2019.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da Silva; SUZUKI, Júlio César. **Apresentação.** In: SUZUKI, Júlio César; SILVA, Valéria Cristina Pereira da (Orgs.). **Imaginário, espaço e cultura: Geografias poéticas e poéticas geografias.** Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. p. 8-11. [livro eletrônico]. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/110>. Acesso em: 29 out. 2022.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

Informações do Artigo

Recebido em: 21/09/2022
Revisado em: 08/11/2022
Aceito em: 10/11/2022
Publicado em: 20/11/2022

Conflitos de Interesse: O autor declara não haver quaisquer conflitos de interesse referente a este artigo.

Como citar este artigo

Gordiano M.A. O, Martins, M.A. S., Rego A.E., (2022). O (ser)tão de Santaluz: leituras geo-literárias a partir do romance as aparições de Dr. Salu e outras histórias, de Guido Guerra. **Revista Macambira**, 6(1), e061022.
<https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.727>

Licença:



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International .

Article Information

Received on: 21/09/2022
Revised on: 08/11/2022
Accepted on: 10/11/2022
Published: 20/11/2022

Conflict of Interest: No reported.

How to cite this article

Moraes M. L., (2022). The (being)tão de Santaluz: geo-literary readings based on the romance the apparitions of dr. Salu and other stories, by Guido Guerra. **Revista Macambira**, 6(1), e061022.
<https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.727>

License:



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.